

# CULTURA VISUAL: MEMÓRIA COLETIVA E A ESTÉTICA DO ESPAÇO URBANO

**Cristiane Herres Terraza**

Docente em Artes Visuais no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, no educação básica, técnica e superior. Pesquisadora cadastrada no Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP/CNPq), em grupo de pesquisa do IFB. Exerceu orientação de Trabalhos de Conclusão de Curso na Licenciatura em Artes Plásticas – Prolicen – UAB/UnB. Graduação Licenciada em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas, Especialista em Ensino da Arte, Mestre e Doutora em Arte pelo PPG-IdA/UnB – Brasília/Brasil, Pós Doutorado em Cultura Visual na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.

**Resumo:** O presente trabalho apresenta reflexão fundamentada em pesquisa em cultura visual tendo como objeto a identificação do indivíduo com o espaço urbano, por meio da elaboração perceptiva composta culturalmente e consolidada na conformação de memória coletiva. Assim, aborda a implicação estética estabelecida pelos/nos objetos materiais que compõem o espaço urbano e a conformação das ações coletivas e peculiares do indivíduo em sua experiência da cidade.

**Palavras-chave:** cultura visual, espaço urbano, memória coletiva.

## VISUAL CULTURE: COLLECTIVE MEMORY AND AESTHETICS OF URBAN SPACE

**Abstract:** This paper introduces research based on visual culture having as object the individual's identification with the urban space through the perceptual elaboration composed culturally and consolidated in shaping collective memory reflection. It approaches the aesthetic implication established by / in the material objects that compose the urban space and the peculiar conformation of collective and individual actions on their experience of the city.

**Keywords:** visual culture, urban space, collective memory.

### Introdução

As práticas pedagógicas em cultura visual incorporadas pelo ensino da arte se traduzem em análise das percepções e das interpretações das estruturas visuais, em suas diversas representações e atribuições. Dentre estas, podemos verificar a estrutura visual urbana e as relações com os indivíduos que se efetuam **na** e **a partir** da construção do espaço, considerando a experiência da percepção humana moldada pela cultura e a constituição de uma memória coletiva. Atualmente, a presença da arte no espaço urbano em forma de intervenções, composições e interações reforçam a necessidade de refletir e avaliar a conformação e as linhas de ação de ocupação deste espaço, não só pela

definição do <sup>1</sup> lugar pelas/nas relações estabelecidas, sejam estas produtivas, morais, pessoais e/ou coletivas, mas em favor da melhoria destas relações entre ser e mundo. Como expõe Hall (2005), “não importa o que aconteça no mundo dos seres humanos, acontecerá num cenário espacial; e o projeto deste cenário exerce uma influência profunda e persistente sobre as pessoas que nele se encontram” (p. XI).

## **O indivíduo e o espaço**

O entendimento sobre constituição de espaço requer uma análise do conceito de territorialidade. Tal conceito se refere de modo peculiar ao indivíduo, em suas definições de limites e de respeito ao que entendemos como privacidade. Esses parâmetros são definidos pelas especificidades de cada ser embrenhado em determinada cultura. Por este viés, determinadas ocorrências sonoras (som alto ou desagradável) ou olfativas (perfumes exagerados) podem ser consideradas invasão de territorialidade quando adentram o campo de um indivíduo em particular. Porém, o conceito de territorialidade, como se sabe, se estende do particular, como explicitado, alcançando o coletivo, ampliando-se, assim, para um plano mais geral e se conformando, por exemplo, em nação.

Segundo Hall, o conceito de territorialidade é elaborado a partir das relações próximas ou distantes que o sujeito empreende a partir de seu modo de perceber e agir no mundo, também subordinado as suas elaborações micro e socioculturais. Um aspecto interessante para abordagem deste conceito é como o campo perceptivo próximo – tato, olfato, visão e audição, aguçados ou não – determinam as proximidades ou a distâncias que cada indivíduo manterá a partir da intimidade ou publicidade das relações.

Sabemos que o ser humano é um ser sinestésico que constrói uma situação de mundo, localizando-se nele, a partir de suas interações perceptivas. Os sons peculiares a um lugar, por exemplo, constituem uma maneira de localizarmo-nos. Podemos nos adaptar a certos tipos de sonoridade na convivência constante com estes sons. Assim, o que seria pesadelo para uns, como morar à beira de uma via movimentada, para outros passa a ser sonoridade de fundo, fonte de identificação e reconhecimento de um espaço. Cada construção perceptiva, no entanto, é produto de uma cultura arranjada a partir da dinâmica e dos usos do espaço em que esta se constrói. Assim, a tolerância ou o apreço

por odores, sonoridades, toques e texturas, sabores e visualidades, está intrinsecamente relacionado à construção de relações estabelecidas culturalmente. Isto ocorre não de forma generalista, uma vez que em cada cultura existe a coexistência das microculturas. Estas implicam diversos aspectos como individualidades, diferenças entre classes sociais, ritos e crenças, entre outros.

Um dos casos estudados por Hall que ilustra este pensamento é a maneira do árabe de andar aos encontros na rua:

[...] Para o árabe, não existe nada que se possa chamar de intrusão em um lugar público. O que é público é público. [...] Descobri, por exemplo, que se A estiver em pé numa esquina e B desejar o seu lugar, B estará agindo dentro de seus direitos se fizer tudo o que for possível para causar tanto constrangimento a A, a ponto de fazer com que A saia dali. (2005: 197)

Assim, o esbarrar e o encostar-se a um sujeito que está ao seu lado não causa, entre os árabes descritos pelo autor, o constrangimento possível de ser identificado entre alguns brasileiros em situação semelhante. A relação tátil, portanto, determina o território, neste caso, de diferentes maneiras. Em terras brasileiras, caso estejamos dentro de um transporte coletivo e alguém nos empurre e/ou esbarre em nós, mesmo o espaço sendo exíguo, nos sentiremos bastante desconfortáveis e desaprovaremos este contato, classificando tal atitude como ausência de civilidade e educação.

Reunidos em espaços urbanos com espaços, por vezes, menos generosos que no campo e, impreterivelmente, mantendo convivência com grande número de pessoas por vez, a experiência sinestésica constrói, considerando a estrutura cultural, a consciência tanto de território particular, como de identificação com o território coletivo, à medida que este atende o sujeito em suas necessidades e peculiaridades.

Ainda em seu estudo sobre as questões de ocupação espacial urbana, Hall (2005) chama atenção para o que podemos conjecturar a partir das experimentações com colônias de animais que se desequilibram a partir de uma superpopulação. O efeito desta, quase que na totalidade das colônias estudadas, é o desrespeito ao espaço traçado como território individual ou particular e o aumento do nível de estresse, colocando em risco o bem estar e a saúde de cada um da espécie, bem como do grupo formado por estes. Assemelhando-se a esta problemática, observamos atualmente uma proposição de ocupação de espaço que se isenta de perfazer reflexões e ponderações sobre as necessidades particulares do indivíduo urbano, considerando a cultura em que está inserido. Uma (des)organização que, atendendo aos preceitos mercadológicos, preocupa-se em construir muitas unidades em pequenos terrenos. Apesar de suas

estruturas verticalizadas e das recentes tecnologias construtivas, tais ambientes nem favorecem a privacidade necessária ao indivíduo, nem beneficiam, por seus formatos, a criação de coletividades.

Tanto o ambiente em particular quanto a paisagem urbana é formada não só visual e espacialmente (tato), mas também sonora e olfativamente. Todos estes aspectos compõem a noção de lugar e possibilitam a identificação de sujeito com ambiente a partir de uma memória individual situada em uma coletividade (memória coletiva). Conseqüentemente, estes fatores contribuem para o bem ou o mal estar dos indivíduos que ocupam um lugar. Não é por acaso que artistas e coletivos de arte urbana chamam atenção sobre isso.

Monica Nador, artista contemporânea, possui entre suas proposições artísticas um trabalho que chama atenção para a necessidade em alimentar os lugares com beleza. “[...] a falta de beleza faz mal à saúde e ao espírito. A beleza potencializa a arte. É preciso reinstaurá-la como algo político” (NADOR *apud* CANTON, 2009, p. 40). Em bairros de baixa renda, a partir de formação de grupos da comunidade, a artista busca um repertório imagético conformado nas tradições de gosto e sensibilidade dos habitantes. Tal repertório será utilizado para pintar paredes, muros, casas e outros elementos presentes no espaço da comunidade.



Figura 5: Jamac. Fonte: arquivo pessoal Mônica Nador.

Figura 1: NADOR, Mônica. Jamac.

Disponível em <<http://relatosdeumadesigner.blogspot.com.br/2012/03/falando-em-monica-nador.html>>  
Acesso em mar 2014.

O Coletivo Poro, formado pela dupla de artistas Brígida Campbell e Marcelo Terça-Nada, na intervenção Jardim (2002), propôs colorir os canteiros abandonados de

Belo Horizonte com flores de papel celofane vermelho, provocando a curiosidade dos transeuntes e chamando atenção para o cuidado da cidade: De quem é a tarefa de cuidar? Como cada um pode se relacionar com este espaço? No que se ampara a necessidade de compor um jardim no espaço da cidade?



Figuras 2 e 3: Coletivo PORO, Jardim, 2002  
Disponível em <<http://poro.redezero.org/ver/intervencao/jardim/>> Acesso em 13 jul 2014.

Observa-se nos dois trabalhos apresentados a necessidade de reflexão sobre os aspectos que mobilizam as percepções do sujeito no espaço urbano, podendo promover maior agradabilidade e, por conseguinte, maior identidade com o espaço ocupado. Que ações perpassam o desenvolvimento de percepções e pensamentos que geram comportamentos de pertença e de cuidado? Quais dessas ações podem fazer surgir uma relação mais salutar e agregadora nos lugares moldados e ocupados pelos indivíduos?

### **Memória e espaço**

Obviamente constituída e fundada na corporeidade do ser, a memória é permeável a estímulos e preñe de interpretações subjetivas. Uma corporeidade instalada em um lugar, um território e que interage sobre e a partir deste, estabelecendo relações de ambivalência. Sabe-se que as sensações provocadas a partir do sensório possibilitarão ao indivíduo as associações necessárias ao desenvolvimento dos processos superiores de pensamento, de elaboração da memória. No entanto, o campo de ação deste corpo, seus gestos e sentidos fazem parte de uma subjetividade a que está sujeita a memória. Assim, a constituição da memória humana dá-se por associações entre o que é percebido (percepto) e como isto implica com/no sujeito e se dá a significar. Uma visão individual sobre determinado fato ou aspecto será aquela que,

percebida, sofrerá a clivagem daquilo que se estrutura interiormente no indivíduo. Portanto, a aquisição de memória relaciona-se com as dobras de sentido constituídas pelas formas de apreensão e de compreensão, efetuadas inclusive na experiência do sensível, dos fenômenos que são exteriores ao ser. Em um processo complexo, embora exteriores a ele, estes fenômenos compõem o indivíduo.

Compondo com os sentidos, a percepção humana conforma-se a partir de uma associação efetuada e estabelecida com a cultura, por meio, inclusive, da linguagem. O que está disponível a ser percebido é compreendido, recorrendo ao que já está manifesto. Desta forma, a apreensão de algo é sempre realizada por meio de um gabarito, uma relação de equivalência entre o que já se sabe e o que está sendo apreendido. Pressupõe-se, então, que o saber mantido e transmitido pela memória humana sofrerá identificações, alterações e interpretações.

Segundo o pensamento aristotélico, o conhecimento tem por base as impressões causadas pelos estímulos advindos do sensorio. Dependemos dos nossos sentidos para formular imagens (sejam elas visuais, táteis, auditivas etc.). Novamente, torna-se útil a metáfora da teia, atribuindo a estas imagens a função da urdidura, na qual o conhecimento se aderirá. Assim sendo, é na trama das imagens sensoriais, elaboradas a partir da experiência individual, que se fazem as associações necessárias aos processos superiores de pensamento, de elaboração do conhecimento.

Deve-se considerar o que é afeto produzido na alma pela sensação, e naquela parte do corpo que contém a alma (o afeto, o estado duradouro o qual chamamos memória) como um tipo de figura/retrato; porque o estímulo produzido imprime uma espécie de semelhança do percepto... (ARISTÓTELES apud SMOLKA, 2000: 117)

Mas, observando o que diz Damásio (1996: 136), se pode inferir a que tipo de realidade o indivíduo se apegará ao realizar a fruição na qual se fundamentará a construção de suas referências pessoais, pois "as imagens reconstituídas a partir do interior do cérebro são menos vívidas do que as induzidas pelo exterior". São nessas referências construídas que se aderirão as memórias do indivíduo.

### **Memória coletiva**

A cultura urbana em sua dinâmica atende, porém, a uma memória coletiva. Esta se constitui como um sistema dinâmico e complexo sobre o qual serão conformadas e retomadas as memórias individuais e, portanto, aquilo que diz respeito à personalidade

de cada indivíduo. Os eventos, os fenômenos, bem como os modos de vivê-los e valorá-los em um determinado grupo constituem sua memória coletiva, que se localiza num tempo e espaço social determinado. Esta memória, contudo, é significada por cada indivíduo em sua singularidade a partir de cada peculiaridade de existência, seja afetiva, seja perceptiva, seja relacional. Tal memória conforma também os modos de percepção, apreensão e elaboração das realidades, empreendendo a construção de significados que permeiam os modos peculiares de se viver a sociedade.

[...] a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes de um grupo. Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com os outros ambientes. (HALBWACHS, 2006: 69)

A cidade trama e é tramada por um modo de vida. A dinâmica da cidade e as criações que compõem o espaço urbano operam sobre o estado do indivíduo nas suas cotidianidades. Ao interpretarmos a conformação e a estética empreendida no espaço urbano podemos traçar pontos de análise de comportamentos – não somente sociais, mas aqueles que formam as peculiaridades dos sujeitos que habitam este espaço – fundados no engendramento de uma memória coletiva. Por este pensamento, portanto, a composição da singularidade do indivíduo estaria imbricada na relação com a construção e o uso do espaço de alguma forma disposto.

O espaço urbano é conformado sobre determinados valores que atingem o indivíduo de modo a influenciar seu modo de se relacionar com a sociedade e seus hábitos pessoais. Trata-se, portanto, não de uma recepção, mas de uma estética de relação do indivíduo com o espaço. Uma apreensão do espaço construtivo urbano como uma elaboração e criação ética e estética, que representa, mas também orienta as ações e valores de uma determinada sociedade. Assim, indivíduo e coletividade empreendem modos de organizar-se em relação ao espaço urbano de acordo também com a estética que gerada por este. São modos de estabelecer-se que por vezes naturaliza certas ações e certos comportamentos, consistindo numa simbiose entre o ser e a estética urbana.

Quando inserido numa parte do espaço, um grupo o molda à sua imagem, mas ao mesmo tempo se dobra e se adapta às coisas materiais que a ela resistem. O grupo se fecha no contexto que construiu. A imagem do meio exterior e das relações estáveis que mantém com este passa ao primeiro plano da ideia que tem de si mesmo. (Halbwachs, 2006: 159)

Assim, a relação de coletividade está plasmada à conformação do espaço de modo que este exerce forte influência sobre os humores ou sobre as ações individuais, bem como na criação de uma memória coletiva. Neste sentido, mesmo a singularidade do indivíduo empreende-se numa relação com a construção e o uso do espaço de alguma forma disposto.

A construção estética da cidade respeita os modos de produção da atualidade, guardando, entretanto, as elaborações espaciais de outras temporalidades, arranjando-se, assim, com uma memória que embora presente, atualiza o passado e compõe com o futuro. Halbwachs (2006: 163) defende, ainda, que hábitos, movimentos e pensamentos das pessoas que compõem certo lugar são regulados pela série de imagens próprias geradas pela significação que elas dão aos objetos exteriores, aqueles que compõem o espaço. Assim, uma amálgama de objetos significados pelos sujeitos o transpõe em suas consciências, conformando desejos e, conseqüentemente, sua memória e sua forma de interpretar e agir no mundo.

Porém, tais questões passam ao largo dos olhares que transitam pela cidade e a vivem. Mais do que o ver, é necessário criar um movimento de visualizar, compondo o entendimento sobre os processos de estar e ser na cidade. A experiência estética pode consolidar-se como um modo de entrosamento do sujeito com o espaço a que pertence, ciente de que todo gesto e todo modo de estruturar tal espaço conforma-se de modo político. Assim, a proposição de intervenções/composições artísticas no espaço urbano avança na direção de interação do sujeito não simplesmente com a obra, mas da possibilidade de realidade a ser inventada a partir da experiência com a proposição artística.

Composição urbana trata de ambientar espaços e de trabalhar na importância da reação do potencial interator. Uma “obra”, em seu contexto, assinala a materialização dos sentidos do lugar, incorpora o plano do imaginário-sensível dos habitantes. O espaço, dito público, aqui, é visto como sensível. (MEDEIROS e ALBUQUERQUE, 2013: 32)

A intervenção “Por outras práticas e espacialidades” (2010), do Coletivo Poro, tem entre seus cartazes um que visa chamar atenção para os acontecimentos de remodelação da cidade e sobre quais motivos ela acontece.





Figura 4: Coletivo Poro, Por outras práticas e espacialidades, 2010.  
<http://poro.redezero.org/ver/cartazes/>

A intervenção consiste em fixar uma série de cartazes lambe-lambe, no formato 100cm X 70cm em locais públicos. Chama atenção, assim, para as dinâmicas ocorridas no espaço urbano, bem como as ações do sujeito neste espaço. Especificamente, este cartaz relaciona-se com o que discorre Argan (2005), ao relacionar a arquitetura, a cultura e a construção artística, refletindo sobre que princípios os objetos estéticos se constituem no espaço. “A cidade é o produto de toda uma história que se cristaliza e manifesta.” (p. 244). Porém, os movimentos de refiguração da cidade atendem sua necessidade em crescer e abrigar novas pessoas e novas funções. Tais movimentos deveriam considerar, inicialmente, a relação das pessoas com uma identidade e memória, entendendo esta última como algo que, como dito, atualiza o passado e promove o futuro.

Muito da remodelação atualmente efetuada é marcada pela questão mercadológica, mais que pelos interesses das pessoas que formam aquela sociedade. Jacobs (2000) já alertava, em meados do século XX, para a configuração urbana, condenando a monotonia visual gerada também pela uniformidade temporal dos prédios construídos. “A aparência das coisas e o modo como funcionam estão inseparavelmente unidos, e muito mais nas cidades do que em qualquer outro lugar” (JACOBS, 2000: 14)

Derruba-se o antigo e tudo fica novo, incluindo, nestes casos também, as repaginações dos antigos prédios, o que faz com que os preços aumentem, afugentando antigos moradores de renda não concernente aos novos negócios imobiliários. Conseqüentemente, perde-se a variedade visual, mas perdem-se também as referências comunitárias ancoradas em moradores mais antigos.

### **Considerações finais**

As intervenções/composições artísticas urbanas, como a do Coletivo Poro, propõem ao sujeito uma disponibilidade do olhar diante das realidades cotidianas vivenciadas no espaço urbano com o objetivo de refletir sobre as mesmas, de modo a aperceber-se daquilo que, pelo simples transitar e pelo olhar da paisagem que passa, não pode ser apreendido. A experiência estética cumpre uma função educativa do sujeito em criar uma visualidade, ou seja, estruturar um modo próprio, ancorado na sua peculiaridade e no seu sistema cultural, de viver e pensar a cidade.

Compor é, antes de tudo, aproximar, isto é, avizinhar-se a algo num processo de relações. Há vizinhança de muro, de cerca, de abandono, de janela, porta, andar, calçada, rua, bairro, praça, cidade etc. Fronteiras, composição. Não há fronteira entre a sua rua e a do seu vizinho de porta/estado. Qual a fronteira da fronteira? Somos errantes enquanto compomos com a ambiência que é cada um. (CORPOS INFORMÁTICOS<sup>2</sup>).

Deste modo, a cidade pode ser vista como criação indissociável do estado civil nas suas relações de trabalho, bem como das articulações entre valores culturais peculiares e cultura pós-industrial e hiper-globalizada. A criação de identidades culturais, portanto, transita pela percepção dos arranjos estéticos que moldam a cidade e que se ampliam nas imagens artísticas ou não, bem como nas estruturas geradas pelos sistemas de mídia, poderosos disseminadores de figuras e representações, povoando as formas de apreensão das realidades. Um círculo complexo e dinâmico no qual se localiza o indivíduo e suas personalidades.

### **Referências**

ARGAN, G. C. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CANTON, Kátia. **Espaço e lugar**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

---

<sup>2</sup> O grupo Corpos Informáticos é coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Beatriz de Medeiros.

CORPOS INFORMÁTICOS (Blog). Disponível em:

<http://www.corpos.org/parafernalias/index.html>. Acesso em 14 jul 2014.

DAMÁSIO, Antônio R. **O erro de Descartes**. São Paulo: Cia das letras, 1996, p. 136.

HALL, Edward T. **A Dimensão Oculta**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

JACOBS, Jane. **Morte e vida das grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MEDEIROS, Maria Beatriz de e ALBUQUERQUE, Natasha de. **Composição urbana: surpresa e fuleragem**. In: *Palco Giratório: circuito nacional*. Rio de Janeiro: SESC, 2013, v. II; ISSN 2317-1596.

SMOLKA, Ana Luíza Bustamante. **A memória em questão: uma perspectiva histórico cultural**. In: *Educação e Sociedade*, ano XXI, nº 71, Campinas-S.P., Cedes, 2000, p.177.